

O Governo Provisório de Vargas: um olhar sobre a escrita privada do presidente

Leonardo Cardoso Wichinheski¹ | Andrea Helena Petry Rahmeier²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as escritas de Getúlio Vargas nos seus diários no Governo Provisório (1930-1934), encontrando traços da construção de um personagem, e, além disso, identificar os conflitos políticos e a expectativa sobre as mudanças que a Revolução de 1930 proporcionaria para a sociedade na ótica do presidente. A linha teórica adotada segue a Nova História Política, fundamentada principalmente por René Remond, considerando que a política se estende às mais diversas atividades e grupos sociais. O Governo Provisório caracterizou-se pela conturbação política, em que, até o final de 1931, o governo agiu, estruturando-se, enquanto, entre 1932 e meados de 1934, a característica fundamental foi a reação da oposição. A partir dos acontecimentos e situações do período, Vargas criou uma imagem e construiu um discurso em seus diários.

Palavras-chave: Getúlio Vargas. Governo Provisório. Política. Diário.

Abstract

This study has as main objective to analyze the writings of Getúlio Vargas in his journals in the Interim Government (1930-1934), finding features of the construction of a character, and also identify the political conflicts and the expectations about the changes that the Revolution of 1930 would provide to society in the view of the president. The chosen theoretical line follows the New Political History, mainly supported by Rene Remond, considering that the policy extends the most varied activities and social groups. The Provisional Government was characterized by political turmoil, in which, by the end of 1931 the government acted, by structuring itself, while, between 1932 and mid-1934, the key feature was the reaction of the opposition. From the events and situations of the period, Vargas created an image and built a speech in his journals.

Keywords: Getulio Vargas. Provisional Government. Policy. Journal.

1 Introdução

O presente artigo tem como tema o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-

¹ Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Taquara - Faccat - Taquara/RS. leonardo.lcw@gmail.com.

² Professora das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - Taquara/RS. Orientadora do trabalho. andrearahmeier@faccat.br - <http://lattes.cnpq.br/0540329778492972>

1934)³. Getúlio Vargas desperta atenção na história do Brasil contemporâneo com uma imagem forte de presidente que, pela primeira vez, olhou para a população de seu país como participantes daquela sociedade, como cidadãos. A partir da Revolução de 1930 e de seu governo, a classe trabalhadora vislumbrou um cenário melhor para suas vidas, tendo assim Getúlio Vargas destaque entre os presidentes da República.

O governo de Getúlio Vargas foi um marco na história política do Brasil. A Revolução de 1930 foi um rearranjo no cenário político nacional, com novos personagens em destaque, um novo equilíbrio (ou desequilíbrio) nas forças políticas, econômicas e sociais.

Analisar os diários de Getúlio Vargas se faz valer, pois a história é escrita e reescrita, buscando novos olhares e novas interpretações sobre determinado contexto histórico. Dessa forma, a análise dos diários de Getúlio Vargas no Governo Provisório permite trazer novos olhares sobre o período e sobre a personalidade do presidente, como ele constrói uma imagem, uma representação de si para si, mas que também chega a terceiros.

A produção bibliográfica que aborda o período do Governo apresenta questões políticas, sociais, econômicas em âmbito de governo voltado ao nacional ou regional. Somados a isso, têm-se os diários de Getúlio Vargas cujos escritos perpassam diversas questões e situações da República, do poder político e das relações políticas, nos quais o presidente cria uma imagem, constrói-se em seu discurso íntimo. Nos escritos de Vargas acerca da Revolução de 1930, da formação de uma nova estrutura de Estado, da Revolução Constitucionalista e da Constituinte de 1934, o que contribui para a formação e construção de uma imagem de presidente? Quais as questões pessoais que o presidente leva para o âmbito do diário que se tornou público? Quais são as principais convicções e medos de Getúlio? Vargas escreveu para si, mas, ao mesmo tempo, é possível a análise de como o presidente visualiza a situação.

O objetivo principal deste artigo é analisar as escritas de Getúlio Vargas nos seus diários no período de 1930 até a aprovação da Constituição de 1934, abordando a Revolução de 1930, a formação do Governo Provisório, a Revolução Constitucionalista e a própria Constituição Federal de 1934, encontrando traços da construção de um personagem. Além disso, visa a identificar os conflitos políticos, a expectativa sobre as mudanças que a Revolução de 1930 proporcionaria para a sociedade na ótica do presidente.

O governo de Getúlio Vargas no período Provisório caracterizou-se por ser conturbado no cenário político nacional, atingindo os estados federados e municípios. A Revolução de 1930 é considerada um marco na história nacional, tanto em âmbito político quanto nas demais esferas da sociedade. As forças políticas que levaram Vargas ao poder não eram homogêneas, mas, de forma geral, a Aliança Liberal propunha uma reforma política e trabalhista, além da diversificação da economia (PANDOLFI, 2003). A principal ideia da Revolução de 1930 era que se necessitava de uma profunda mudança, passando de uma política oligárquica para uma que atendesse aos anseios de uma ampla parcela da sociedade com um governo distante de pactos políticos e agindo de forma técnica.

³ Governo Provisório é a denominação do período entre 3 de novembro de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência da República, e a sua eleição de forma indireta em julho de 1934, resultante da Constituição do mesmo ano.

Isso levaria à postergação do retorno da democracia e da abertura do Congresso Nacional e das assembleias estaduais.

A linha teórica adotada no trabalho segue a Nova História Política, fundamentada principalmente pelo francês René Remond. Desvinculando-se de uma abordagem positivista⁴, em que a fonte escrita oficial apresentava os fatos ao historiador (SEGA, 2002), a nova abordagem colocou o político vinculado ao econômico, ao social e ao cultural em uma via de dois sentidos.

O político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado. [...] Ora ele se retrai ao extremo. Essas variações obedecem a necessidades externas; refletem também as flutuações do espírito público (REMOND, 2003, p. 442).

A questão política relacionada a diversos espaços permite a relação entre campos distintos, porém consideramos que o político é o núcleo que interliga os aspectos globalizantes da sociedade. “Se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na sua vida privada” (REMOND, 2003, p. 442). É para o campo político que converge a maioria das atividades sociais e a gestão da sociedade se faz, condensando o conjunto social (REMOND, 2003). A definição de política não se limita às relações partidárias, processos eleitorais e ações de governos. Valemo-nos novamente de Remond para a definição de política:

A política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder. [...] Só é política a relação de poder com a sociedade global: aquela que constitui a totalidade dos indivíduos que habitam um espaço determinado por fronteiras que chamamos precisamente de políticas. [...] Ela se confunde com a nação e tem como instrumento e símbolo o Estado (REMOND, 2003, p. 444).

A política, longe de ser hegemônica, não está reduzida ao Estado, mas se estende às mais diversas atividades e grupos sociais, resultado de múltiplos interesses, moldando e sendo moldada pela sociedade. Para ela confluem e dela irradiam ações, acontecimentos e ideias que caracterizam um contexto social. Ao abordar a Revolução de 1930, as medidas governistas, a Revolução Constitucionalista de 1932 e a elaboração da Constituição Federal de 1934, entende-se que o período possui forte caráter político, com a presença do Estado, instituições políticas e relações de poder. Retomando, não se faz uma análise política pela política, mas se trata do entendimento de que a relação entre política e economia ou entre política e social não é via de mão única, porém a influência é exercida nos dois sentidos. Não se trata, portanto, de elevar ao pedestal a política em detrimento do econômico, social ou cultural, mas de efetivamente apresentar uma abordagem que tem destaque amplo no período republicano do Brasil. A Revolução de 1930 projetou uma mudança nas relações entre o Estado e a sociedade, entre as ações de governo para com a população, influenciando no desenvolvimento da cultura e no fazer

⁴ A história política tradicional focava-se exclusivamente em personagens de destaque, nas elites políticas e nos estadistas, ficando distante do social e do cultural (SEGA, 2002, p. 190). Além disso, era superficial, sem aprofundar causas, conjunturas e contextos mais amplos.

política do país.

Os diários de Getúlio Vargas foram publicados em 1995, em dois volumes, pela Fundação Getúlio Vargas. Eles já se constituíram de fonte para a pesquisa histórica do período do Estado Novo (1937-1945)⁵, além de serem utilizados para análise na área da Literatura⁶. Dentro da pesquisa voltada à área de História, não foram encontradas produções que contemplem o Governo Provisório vinculadas à utilização da referida fonte. A utilização dos diários de Getúlio Vargas como fonte documental para o trabalho se faz valer, pois apresenta os escritos privados do presidente da República, mas em grande parte voltados ao público, aos acontecimentos relacionados com a política nacional. Vargas, no dia 3 de outubro de 1930, assim escreveu:

Se todas as pessoas anotassem diariamente num caderno seus juízos, pensamentos, motivos de ação e as principais ocorrências em que foram partes, muitos, a quem um destino singular impeliu, poderiam igualar as maravilhosas fantasias descritas nos livros de aventura dos escritores da mais rica fantasia imaginativa. O aparente prosaísmo da vida real é bem mais interessante do que parece (VARGAS, 1995, v. 1, p. 3).

Assim o presidente demonstrou sua vontade de escrever a respeito dos acontecimentos que ele julga pertencerem a um momento de grande importância na história política do Brasil. A escrita privada dos diários apresenta o que escritor entende e como ele concebe seu contexto. Para compreender tudo isso, foi necessária a realização da pesquisa bibliográfica qualitativa acerca do tema definido e sua delimitação.

2 A escrita do presidente

Os escritos pessoais permeiam a história humana desde a antiguidade, porém o diário, o escrito íntimo que valoriza o tempo de quem o escreveu, pertence à cultura burguesa. A valorização do indivíduo e a noção de pertencimento histórico levaram, primeiramente, os homens e, depois, as mulheres a fazerem anotações pessoais e resultaram no surgimento do diário tal como conhecido hoje. O diário como fonte histórica gera controvérsias. Como, a princípio, ele é íntimo e secreto, considera-se que o documento é fidedigno à ótica do escritor, levando em conta a hipótese de o diarista não pressupor que suas anotações se tornem públicas. Por outro lado, sendo pessoal e subjetivo, pode conter informações que não apresentam veracidade em relação à época.

⁵ Um dos trabalhos em que se utilizou dos diários para uma análise historiográfica é de Rangel e Pimenta (2009), no qual “[...] se busca compreender os valores que circunscrevem a ética do poder presidencial, tomando-se como referência os rituais dos despachos burocráticos, as conversações de gabinete, os cerimoniais construídos em torno do Presidente e o culto ao presidencialismo como expressão máxima do poder individual no interior do Estado” (RANGEL; PIMENTA, 2009, p. 1). O recorte temporal na utilização dos diários foi entre 1939 e 1942. Outra produção faz análise geral do diário. D’Araujo (1996) apresenta trechos e tece comentários a respeito de diversas questões.

⁶ Remédios (1996; 2005), utilizando o diário, “[...] observa as relações entre história e ficção ao mesmo tempo em que se discute a questão do gênero autobiográfico e o grau de literariedade de um diário pessoal” (REMEDIOS, 2005, p. 1).

A escrita de um diário por um homem público leva-nos a indagar: nessa circunstância, quais os objetivos de Vargas ao tomar notas dos acontecimentos quase que diariamente? Mesmo escrevendo para si, deveria supor que escritos de um político poderiam tornar-se públicos no futuro ou isso nunca fez parte de seus pensamentos?

Getúlio Vargas apresenta, em seus diários, sua personalidade, as dúvidas e incertezas dentro de um contexto bastante conturbado. Neste trabalho, não se pretende fazer uma história positivista, pois, dentre outras características, ela está ultrapassada e valorizava a história feita a partir dos heróis. Por outro lado, a história, principalmente a marxista, colocou o processo histórico acima das individualidades, maximizando o coletivo, o que também não se almeja. Entende-se, sim, que o contexto é de extrema importância e que os sujeitos somente são sujeitos históricos quando inseridos no mesmo. Getúlio Vargas demarcou uma posição importante no cenário político da primeira metade do século XX. Sérgio Franco (1998) já afirmou que esse personagem está além do seu meio e que deixou sua marca na história do Brasil.

Ninguém se animará a dizer que ele tenha sido simples joguete dos fatores e condições materiais da sociedade ou mero realizador de propostas e reivindicações de terceiros. Não. Seja qual o juízo de valor de seus julgadores, é indiscutível que o ilustre gaúcho missionário, em um quarto de século de participação na vida brasileira, deixou a marca pessoal do seu modo de ser, de opinar, de decidir e de temporizar, de suas convicções políticas e sociológicas, de seu caráter e sua filosofia de vida (FRANCO, 1998, p. 8).

O personagem Getúlio Vargas é singular dentro da história republicana do Brasil no século XX. Sua pessoa é marcante e fundamental para os acontecimentos da política nacional entre os anos de 1930 e 1954, quando foi protagonista. Características pessoais de formação, pensamentos e ideologia acerca da política, postura e modos de conduzir o poder ao comandar a nação não foram criações da conjuntura em que ele estava inserido, mas marcas dele próprio. Outro personagem não poderia ser forjado naquele meio. É dever também frisar:

Se os indivíduos podem ser decisivos e marcantes na evolução das sociedades e das nações, seria absurdo pretender que levitassem acima do tempo e das circunstâncias, da estrutura socioeconômica em que vivem inseridos e das correntes de pensamento em que se educaram (FRANCO, 1998, p. 8)

Vargas foi homem de seu tempo, e suas ações e procedimentos como homem público não teriam espaço nem sintonia em outro momento histórico. Dessa forma, Vargas é singular nas condições históricas em que esteve inserido, mas o contexto foi fundamental para ele deixar sua marca.

O diário de Getúlio Vargas tem anotações entre 3 de outubro de 1930 e 27 de setembro de 1942, em 13 cadernos. Nestes, constam questões de ordem pública e pessoal, seus sentimentos e percepções. Os arquivos encontravam-se com a família, na pessoa de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha de Getúlio. Com a sua morte, em 1992, sua filha, Celina Vargas do Amaral Peixoto, passou a organizar os arquivos da família e, em conjunto com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), decidiu pela publicação. Celina justifica

a publicação, na apresentação do livro, pelo fato de entender que a melhor forma de preservação dos documentos é divulgá-los e transformá-los em informação. Os diários de Vargas foram transformados na publicação do livro *Getúlio Vargas: Diário*, em 1995, pela FGV, em dois volumes⁷. A estrutura da publicação do primeiro volume contempla o período de outubro de 1930 ao final de 1936 e o segundo do início de 1937 a abril 1942⁸. No primeiro volume, são apresentadas notas metodológicas acerca da produção e publicação dos Diários⁹.

Maria Luiza Ritzel Remédios foi, possivelmente, a primeira autora a trabalhar os Diários de Vargas sob a ótica dos estudos literários, classificando-os como relatos confessionais, que, no século XX, se desenvolveram caracterizados “pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências e recordações de fatos históricos” (REMÉDIOS, 1996, p. 206). Remédios aborda os diários na perspectiva de autobiografia.

Pode-se, pois, pensar o Diário de Getúlio Vargas a partir da definição de autobiografia proposta por Lejeune [...] pois Getúlio Vargas, sujeito histórico, real, faz um relato, retrospectivo, a cada dia, da sua própria existência, enfatizando a história de sua personalidade simultaneamente aos fatos políticos de seu governo e da história do País (REMÉDIOS, 1996, p. 207-208).

No entanto, para Lejeune, as autobiografias são “[...] meios sociais de comunicação individual [...] A autobiografia é feita para transmitir um universo de valores, uma sensibilidade ao mundo, experiências desconhecidas, e isto no quadro de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional” (LEJEUNE, 2002, p. 53-54). Para esse autor, em definição geral, um diário não é autobiografia, pois esta seria uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Nesse sentido, os diários de Vargas entendem-se como autobiografia, pois ele constrói uma imagem, valoriza sua história e faz diariamente o relato dos acontecimentos que ele julga significativos. Vargas justifica-se, no dia 18 de março de 1939, dizendo: “Gosto mais de ser interpretado do que de me explicar” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 209).

⁷ Conforme as notas metodológicas da publicação, originalmente os diários de Getúlio Vargas foram escritos em 13 cadernos: Caderno 1, de 3 a 11 de outubro de 1930; Caderno 2, de 11 de outubro de 1930 a 3 de fevereiro de 1931; Caderno 3, de 4 de fevereiro de 1931 a 6-8 de março de 1932; Caderno 4, de 9 e 10 de março a 12 de setembro de 1932; Caderno 5, de 13 e 14 de setembro de 1932 a 20 de janeiro de 1933; Caderno 6, de 21 e 22 de janeiro a 15 e 16 de julho de 1933; Caderno 7, de 17 de julho de 1933 a 3 e 4 de março de 1934; Caderno 8, de 6 de março de 1934 a 5 de outubro de 1935; Caderno 9, de 6 de outubro de 1935 a 22 de janeiro de 1937; Caderno 10, de 24 de janeiro de 1937 a 19 de janeiro de 1939; Caderno 11, de 20 de janeiro de 1939 a 16 de janeiro de 1940; Caderno 12, de 17 de janeiro de 1940 a 25 de maio de 1941 e Caderno 13, de 26 de maio de 1941 a 27 de setembro de 1942.

⁸ O penúltimo dia de registro foi em 30 de abril de 1942. Em 27 de setembro do mesmo ano, foi feito o último registro, no qual escreveu que, em 1º de maio, havia sofrido um acidente e que encerrava suas anotações. Dessa forma, adotamos abril como final dos escritos para fins práticos de análise.

⁹ Julga-se relevante informar que, de acordo com as notas, a publicação não foi uma cópia fiel dos manuscritos originais, mas uma organização para apresentar os mesmos de forma articulada.

Nada é mais explícito do que estar fazendo um relato reflexivo.

Outra autora que trabalhou com diários foi Maria Teresa dos Santos Cunha (2005). Ela analisa dois diários femininos escritos entre 1964 e 1974, apresentando os escritos como instrumentos para a construção de um discurso. Pode-se valer de suas palavras quando diz que os diários são um

[...] instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer; eles são práticas sociais que partilham, também, da construção da história de indivíduos que se inventam pelas práticas de escritas de si (CUNHA, 2005, p. 2).

Por tudo isso, pode-se dizer que Getúlio Vargas escreveu para si, mas também se faz conhecer a partir do seu discurso no diário. Conhece-se o político preocupado com a situação nacional, o homem que assume a responsabilidade pelo momento histórico, o líder preocupado com a nova forma de concepção de política, entre tantos outros aspectos que o presidente apresenta. A preocupação e rigor com as anotações faziam com que, mesmo não escrevendo diretamente nos cadernos, por motivo de esquecimento quando viajava, anotasse em papéis avulsos os acontecimentos do dia, passando para o caderno e retomando as anotações. Nesse sentido,

[...] uma das características do diário é o fato dele acompanhar o andamento do calendário e, muito embora nem todos os dias estejam registrados, as datas da escrita são importantes na sua composição já que seu poder de convencimento depende mais sua organização interna que de sua referência ao mundo exterior (CUNHA, 2005, p. 1).

A data inicial das anotações de Vargas é justamente o dia 3 de outubro de 1930, data marcada como início da Revolução. O término dos escritos é 27 de setembro de 1942, quando Vargas demarca um período, encaixa suas anotações em um tempo histórico e, para ser o mais fiel possível, transcreve-se a seguir o seu último registro.

A 1ª de maio desci para o Rio, com o propósito de comemorar esse dia no grande comício dos trabalhadores no estádio do Vasco da Gama. Um incidente de automóvel imobilizou-me no leito durante vários, vários meses. Só a 27 de setembro regressei a Petrópolis para transportar parte das coisas que ficaram no Rio Negro. Quantos acontecimentos de grande transcendência ocorreram na vida do Brasil. Aqui chegado, tracei rapidamente estas linhas, dando por encerradas as anotações. Para que continuá-las após tão longa interrupção? A revolta, o sofrimento também mudou muita coisa dentro de mim! (VARGAS, 1995, v. 2, p. 477).

Já não mais faziam sentido suas anotações. Como o próprio Vargas escreveu, muita coisa mudara, o tempo já era outro e, portanto, não cabia em seus cadernos.

2.1 Diários de Getúlio Vargas: os olhos e as falas do presidente

Para compreendermos melhor os diários, é importante uma breve apresentação do presidente. Getúlio Vargas nasceu em São Borja, em 1882, em um contexto de fim do Império, de implantação do regime republicano, de conflitos políticos/militares no estado com participação direta de familiares. Sua vida política estava ligada à Faculdade de Direito de Porto Alegre. Foi membro da geração de 1907, vinculado ao Partido Republicano Rio-Grandense e, por consequência, castilhistas. O político Getúlio Vargas foi formado nesse meio, seguindo princípios republicanos, autoritários e com forte discurso de superioridade moral.

Se nos detivermos na psicologia deste grupo de jovens estudantes e profissionais, educados na fidelidade ao Partido Republicano Rio-Grandense e a seus chefes, vamos encontrar neles alguns traços nítidos de narcisismo regionalista e messianismo político. [...] A ideia predominante no PRR, da cúpula às bases, era a da superioridade moral e intelectual da política rio-grandense (FRANCO, 1998, p. 10).

Vargas foi apadrinhado por Borges de Medeiros, ainda que uma disputa política local os tivesse afastado por algum tempo. Franco (1998) cita trechos do discurso de Medeiros quando este apresenta o candidato Vargas à presidência do estado como subordinado à disciplina do Partido, com conhecimento da Constituição e do pensamento castilhistas, qualificando-o como firme, prudente, enérgico e incorruptível. Seguidor do castilhismo e apoiado por Borges de Medeiros, Vargas pôde-se afirmar e foi capaz de dar um passo à frente na política estadual, pois governou de forma mais tolerante com a oposição, o que veio a facilitar a formação da Frente Única Gaúcha, em 1929. Segundo Franco (1998), Vargas, na sua formação, não foi somente influenciado pelo positivista Comte, mas lia os filósofos Spencer, Kant e Nietzsche, além do naturalista e teórico do evolucionismo Charles Darwin.

Ao assumir a presidência, Getúlio adaptou-se ao poder e “[...] é evidente que Vargas deixou de ser apenas soldado de fileira do Partido Republicano Rio-Grandense” (FRANCO, 1998, p. 15). Com a presença dos mineiros do PRM, dos paulistas do PD, além de militares de vários estados e do próprio PL do Rio Grande do Sul, Vargas não representou mais as forças castilhistas e, sim, o programa da Aliança Liberal. Todavia, traços e pensamentos permaneceram, pois são características pessoais de sua formação, as quais são notáveis nos escritos de seus diários.

Este trabalho pretende seguir a linha política. Assim, é importante ressaltar que a escrita de Vargas, nos seus diários, segue majoritariamente esse sentido, isto é, apresenta o seu governo, principalmente o caráter político. Dessa forma, sua vida privada pouco aparece. Para fins de análise, fez-se um levantamento de alguns dados, baseando-se no índice biográfico, que consta no volume 2 da obra *Getúlio Vargas: Diário*. Por exemplo, sua esposa, Darci Sarmanho Vargas, pessoa que representa sua vida particular, somente foi citada 21 vezes no período do Governo Provisório, com uma média de uma citação a cada dois meses. Ao fazer uma comparação com Góis Monteiro, que representa um personagem de sua vida pública, ele teve 163 vezes. Flores da Cunha, outro personagem importante da vida pública, foi citado, em média, mais de duas vezes por mês no Go-

verno Provisório, totalizando 112 vezes no período. Em outros momentos, sem citar o nome da esposa, Vargas abordou as relações familiares, mas sempre de forma rápida e sucinta, como na anotação dos dias 4 e 5 de março de 1932: “Completo-se, no primeiro, o meu 21º aniversário de casamento, mas as preocupações políticas encheram o dia, esquecendo a data doméstica” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 94). Isso significa que o assunto deveria ser, de alguma forma, referenciado todos os anos nessa data, todavia, no ano anterior, em 1931, não fez menção. Em 1933, apenas citou que a esposa e os filhos estavam gripados, enquanto que, em 1934, não houve nenhuma citação relacionada à família naquela data.

Ao pensarmos no viés político, a primeira página do diário é emblemática. Vargas justificou o porquê de escrever e entendeu o momento como marcante para sua vida, composto por fatos que são importantes. Getúlio avaliava-se mais capacitado a escrever sobre os acontecimentos, pois a vida o habilitou com juízo mais seguro.

[...] Lembrei-me de que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreveu apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua de experiência a consultar. Não o fiz durante a minha mocidade [...] Depois o trato contínuo com os homens e as observações feitas sobre os mesmos em face e circunstâncias diferentes nos habilitam a um juízo mais seguro. Lembrei-me disso hoje, dia da Revolução. Deve ser para hoje, às 5 horas da tarde. Que nos reservará o futuro incerto neste lance aventureiro? Impossível reconstituir os antecedentes (VARGAS, 1995, v. 1, p. 3)

Definitivamente pronto para a Revolução, o futuro presidente sabia que o projeto encampado pelos tenentes e setores civis encontrará resistência. Mas assumiu a responsabilidade política pela ação. Já não mais importava seu nome como presidente do estado do Rio Grande do Sul ou mesmo ex-ministro de Washington Luís. Para Vargas, setores da sociedade queriam a Revolução, já que pelas urnas não obtiveram a vitória, e nele foi depositada a liderança, responsabilidade que ele assumiu. O dia 3 de outubro, como se sabe, tornou-se marco da Revolução, símbolo do governo que se instalou. A grandiosidade da Revolução manteve-se com o seu ideal permeando, no Governo Provisório e mesmo depois no Estado Novo, novas datas comemorativas. Foi coincidência ou estratégia o início dos escritos no dia 3 de outubro de 1930? Justamente na data em que começa a escrever seus diários, deu-se o início da refundação do Brasil, da nova era para a nação com ele sendo o personagem principal, dizendo que a sua sorte não interessa, mas, sim, da coletividade.

Positivista, Vargas entendia a história como um processo evolutivo e a política como fundamental para o mesmo. Por isso, existia a ideia de revolução permanente, não somente com a ação militar e tomada do poder, mas com a mudança no pensamento do fazer política para quem exerce o poder, nos métodos e programas de governo, sendo tudo isso alterado paulatinamente.

Ainda no dia 3 de outubro, meia hora antes do previsto para a Revolução, Getúlio escreveu sobre o movimento empreendido pelos elementos mais sadios conforme palavras dele:

A minha sorte não me interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide do destino da coletividade. Mas esta queria a luta, pelo menos nos seus elementos mais sadios, vigorosos e ativos. Não terei depois uma grande decepção? Como se torna revolucionário um governo cuja função é manter a ordem? E se perdemos? Eu serei depois apontado como responsável, por despeito, por ambição, quem sabe? Sinto que só o **sacrifício da vida** poderá resgatar o erro de um fracasso (VARGAS, 1995, v. 1, p. 4-5, sem destaque no original).

Ao longo dos diários, Vargas demonstrou responsabilizar-se pela Revolução, pelas mudanças em que o Brasil se encontrava. No dia 20 de novembro de 1930, com o governo já instalado e o envio de políticos derrotados para o exílio, o presidente discorreu em longo trecho, no qual assumiu para si o peso do contexto:

Neste dia embarcam para a Europa os primeiros presos políticos: o ex-presidente Washington Luís, o ex-prefeito do Distrito e o ex-ministro da Guerra. Observo que não foi a primeira leva. No dia anterior já haviam seguido o ex-senador Azeredo e outros. Essa medida foi bem aceita pela opinião [...] Bem amargas deveriam ser as reflexões do Dr. Washington Luís. Recordei-me que muito mais havia eu sofrido em torturas morais, pela quebra de amizades e compromissos resultantes da campanha da Aliança, e pelas perspectivas e ameaças que de futuro poderiam advir, acarretando prejuízos e desgraças para o Rio Grande e para os que o acompanharam, e tudo ser atribuído a mim, como responsável. Quantas vezes **desejei a morte** como solução da vida. E, afinal, depois de humilhar-me e quase suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução, eu, o mais pacífico dos homens, **decidido a morrer**. E venci, vencemos todos, triunfou a Revolução! Não permitiram que o povo se manifestasse para votar, e inverteram-se as cenas. Em vez de o Sr. Júlio Prestes sair dos Campos Elísios para ocupar o Catete, entre as cerimônias oficiais e cortejos dos bajuladores, eu entrei de botas e esporas nos Campos Elísios, onde acampeei como soldado, para vir no outro dia tomar posse do governo no Catete, **com poderes ditatoriais**. O Sr. Washington Luís provocou a tormenta, e esta o abateu. Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão! (VARGAS, 1995, v. 1, p. 27, sem destaque no original)

Vargas utilizou a ideia de herói da nação, que colocou sua vida em risco, mas também sua reputação política, para assumir, de forma ditatorial, o país, ainda que isso não fosse o seu desejo. Sabia que o próprio estado do Rio Grande do Sul, participando da Aliança Liberal, poderia sofrer represálias, caso a situação se tivesse mantido no poder. Getúlio colocou-se na posição de herói, que abdicava de seus interesses privados, punha sua vida em risco e abria mão de sua própria situação para que a Revolução tivesse chance de sair vitoriosa. Destaque maior merecem as palavras quando Getúlio se refere à morte. Conforme suas palavras, participou da Revolução decidido a morrer pela causa em que lutava e não regressaria ao seu estado, ao seu conforto, derrotado. A Revolução foi contra a oligarquia que estava no poder: aqueles que detinham o poder e o usufruíam em benefício próprio. O que diferiu quando Vargas, em 1954, em sua carta-testamento, condenou aqueles que eram contra o povo? A luta, o sacrifício de 1930 repetiu-se em 1954? A morte pelos interesses do povo era a única consequência quando a vitória não fosse atingida. Vargas lutou em 1930 e venceu, mas em 1954 não conseguiu derrotar as infâmias, os inimigos do povo, e a morte tornou-se a única solução, conforme suas

palavras na carta-testamento: “O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte” (VARGAS, 1954). Getúlio Vargas ofereceu sua vida ao povo em 1930, destemido a morrer pela causa em defesa do Brasil. A morte tem, em seu discurso, tanto em seus diários quanto em sua carta-testamento, o sentido de heroísmo.

Getúlio Vargas, mais uma vez, valorizou suas anotações diárias, demonstrando o quão importantes eram na sua visão. Entre os dias 30 de setembro e 1 de outubro de 1931, o presidente deixou bastante clara a importância que ele dava às suas anotações de ordem administrativa.

Estou muito atarefado com o discurso que pronunciarei nas comemorações do dia 3 de outubro. Nestas anotações, escapam geralmente medidas de ordem administrativa do expediente ordinário e que constituem a mais interessante função, porque são atividades construtoras e positivas. Quando vou lançar ao papel estas rápidas anotações, já não posso reconstituir o que ficou para trás (VARGAS, 1995, v. 1, p. 74).

Outro aspecto que se pode ler em seu diário é o sentimento de ser benquisto pela população, tanto é que, entre 21 de fevereiro e 16 de março de 1931, o presidente esteve no estado de Minas Gerais e em outros pontos. Vargas reforçou tal ideia e disse que a população se manifestava positivamente pela sua presença:

Em todas as cidades, vilas e estações por onde passamos, recebo carinhosas demonstrações das populações [...] Estação cheia, cantos, músicas, flores e discurso. [...] No hotel sou recebido festivamente pelos hóspedes. [...] Faço relações com os diferentes hóspedes, sendo tratado com grande deferência e carinho, principalmente pelo elemento feminino (VARGAS, 1995, v. 1, p. 50-51).

Reforçando essa ideia, ao participar da festa religiosa para consagrar Nossa Senhora da Conceição Aparecida padroeira do Brasil, em 31 de maio de 1931, que representava a vida privada, porque o sistema político republicano do nosso país era laico, a presença do presidente em um evento da maior religião do país destacava a imagem dele próximo à população. O evento religioso constituiu-se em evento de caráter político, como apresentado por ele. “Domingo, compareço à grande festa religiosa [...]” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 64).

2.2 Os olhos e as falas do presidente sobre os fatos históricos

A partir deste momento, analisam-se os escritos de Vargas relacionados aos acontecimentos descritos com a própria construção da imagem realizada por ele.

Nesse sentido, a Revolução de 1930 e seus desdobramentos provocaram a insatisfação de grupos políticos que perderam espaço. Da mesma forma, alguns políticos tradicionais que participaram da Aliança Liberal mostravam descontentamento e que desejavam a constitucionalização. À medida que as reformas governistas eram encampadas, e o ano de 1931 foi chave para a mudança e implantação do pensamento centralizador e intervencionista, maior era o movimento de contrariedade diante disso. Getúlio

Vargas, apoiado pelo tenentismo, via nos políticos tradicionais resistência e uma possível ameaça ao seu governo. Em 30 de abril de 1931, escreveu em seu diário:

Nota-se um movimento civil de políticos em favor do constitucionalismo. Tomam parte os libertadores do Rio Grande, os democráticos de São Paulo, os partidários de Artur Bernardes em Minas e outros grupos. O ministro da Justiça pressente uma campanha que ele chama de descrédito contra mim, uma conspiração nesse sentido [...] (VARGAS, 1995, v. 1, p. 59).

Dias depois, em 6 a 8 de maio de 1931, novamente escreveu: “Foram dias penosos e cheios de confusão. São Paulo continua sendo um ponto de inquietações e ameaças. Murmura-se sobre conspirações” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 61). Vargas continuou lamentando outros problemas:

Câmbio em colapso a menos de 1,5, café em baixa, crise política em Minas, cortes de despesas, aumento de impostos, pesadas contribuições desgostando o povo. Crise militar entre o ministro da Guerra e oficiais revolucionários [...] ataques azedos do Correio da Manhã contra o governo. Poderá este manter-se sem luta? Estamos atravessando hora grave em que é preciso decisão (VARGAS, 1995, v. 1, p. 61).

Tentar justificar suas futuras ações centralizadoras era ao que se inclinava Getúlio no trecho anterior. Diante de tantos problemas, era o momento de tomar uma posição, mostrando-se, mais uma vez, que é o responsável pelo futuro, pela ação, o personagem que iria solucionar as mazelas que o país enfrentava.

Ao término do ano de 1931, com diversas ações empreendidas pelo governo, Vargas fez a última anotação desse ano. Via, no horizonte, a prosperidade, mas, ao mesmo tempo, sabia que o poder político da oposição paulista é forte.

A passagem do ano não me sugere ideias, esperanças? Sim, esperanças de prosperidade para o Brasil. Tudo indica que terminou a convalescença e começa a prosperidade. Sinto o meu declínio político, ou por falta de capacidade para abrir novos horizontes, ou por falta de apoio para transformações mais radicais (VARGAS, 1995, v. 1, p. 83).

No escrito que contempla o período entre 31 de dezembro de 1931 e 2 de janeiro de 1932, Vargas demonstrou certo medo com a pressão política que é exercida por São Paulo e a possível adesão do Rio Grande do Sul ao movimento, porém anseia por apoio para enfrentar esses grupos, que seria exercido pelo tenentismo.

Após a publicação da Lei Eleitoral em 24 de fevereiro de 1932 e o ataque ao jornal oposicionista, Vargas colocou-se em uma posição de líder a tomar uma decisão importante para o prosseguimento das políticas do governo. “Ainda não é a nação. Tenho de me decidir entre as forças militares que apoiam o governo e um jornalismo dissolvente, apoiado pelos políticos e instigado mesmo por estes contra o governo. Estou numa encruzilhada em que urge uma decisão” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 92). Ou apoiava aqueles que estavam fazendo a Revolução, isto é, os tenentes, ou era tomado pelo jornalismo a serviço dos políticos contrários ao governo.

Diante da situação indefinida dos políticos gaúchos desde o início do ano, o presidente mostrou-se cansado, tanto é que relatos habituais políticos ficam em segundo plano. Nos dias 12 a 14 de abril de 1932, Vargas escreveu: “Permaneço em repouso umas sete horas por dia. Raramente durmo todo esse tempo. Hoje amanheci um tanto adoentado. Sinto fadiga. Doença, decadência física, velhice... *Chi lo Sá!*?”¹⁰ (VARGAS, 1995, v. 1, p. 100). No dia seguinte, 15 de abril, Vargas escreveu que estava doente. Nesse período, São Paulo teve greves, a Frente Única Paulista entrou em conflito político com o governo, a Frente Única Gaúcha flertava com os paulistas. Flores da Cunha mostrava-se ambíguo, mantendo ligação com Vargas, mas sem descuidar-se dos passos dados pelos políticos estaduais. Vargas também buscava apoio dos mineiros. Ao ler os diários desses dias, é possível identificar angústia e apreensão no presidente, como quando escreveu em 14 a 18 de maio: “Leitura do manifesto à nação, acolhimento simpático do povo, apreciações discordantes da imprensa e ataques políticos” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 104). Como abordado no capítulo anterior, no dia 14 de maio de 1932, já havia sido fixada a data da nova eleição da Assembleia Constituinte para maio do ano seguinte. Já no dia 23 do mesmo mês, Vargas escreveu: “A situação de São Paulo agrava-se. Grande exaltação popular percorre as ruas – atacaram jornais, a sede da Legião, provocaram conflitos -, e a Frente Única impôs um novo secretariado” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 105). São pensamentos que demonstram as preocupações do presidente. Já nos escritos de 30 de maio e 1º de junho de 1932, novamente o presidente queixou-se dos seus dias ao dizer que “sinto que estou atravessando uma das fases difíceis da administração do país” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 107). Entre 9 e 14 de junho, Vargas escreveu: “Sinto que os elementos mais exaltados vão se afastando de mim e que começo a perder o controle sobre eles “ (VARGAS, 1995, v. 1, p. 109). Observa-se que se ampliaram seus temores a respeito da crise política.

Os andamentos das negociações em julho continuaram tensos com exigências da FUG, com Flores da Cunha mantendo-se fiel a Vargas. Este, no dia 8, escreveu: “Osvaldo teve longa conferência pelo telégrafo com o general Flores da Cunha, que se mantém firmemente ao lado do governo. Osvaldo continua, como sempre, um auxiliar preciosíssimo, um animador prodigioso” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 115). Nesse momento, Vargas valorizou dois aliados importantes e há a impressão de que Vargas, no decorrer dos dias, sentia-se em situação melhor, como se pode ler no escrito do dia 9 julho: “Parece que a crise passou. Muito influiu na definição dos acontecimentos a atitude de lealdade e decisão de Flores da Cunha” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 115). Entretanto, já no dia seguinte, sua realidade era outra.

Irrompe o movimento revolucionário em São Paulo. Todo o tempo absorvido nas providências para combatê-lo. Morosidades, confusões, atropelos, deficiências de toda ordem, felonias, traições, inércia. Algumas dedicações revolucionárias. Um ato impressionante a solidariedade do Rio Grande, através de Flores da Cunha. A unanimidade do Norte, solidariedade e colaboração dos demais estados (VARGAS, 1995, v. 1, p. 115).

Pode-se notar que a instabilidade política do movimento militar paulista permeou as anotações do presidente nos últimos meses. Em 18 e 19 de julho, Vargas ainda

¹⁰ Expressão em italiano que quer dizer “quem sabe”.

afirmou: “Recebo telegrama de Flores, dizendo que resolveu propor condições de paz e perguntando como a receberia. Fiquei desolado pela forma desta proposição. Nem firmeza, nem serenidade, nem mentalidade para a luta? Que fazer?” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 117). Com o apoio maciço das Forças Armadas e de grande parte dos estados federados, Vargas mostrava-se desapontado com a ideia de Flores da Cunha de propor a paz. Mobilizado para reunir tropas para o conflito, o presidente frustrou-se com o intendente gaúcho.

Com o andamento das ações militares, Getúlio apresentou otimismo em seus escritos. Mesmo com poucos recursos para abastecer todos que pediam armamentos, o governo federal tinha capacidade bastante superior aos rebeldes paulistas. Em 10 de agosto de 1932, pode-se perceber que Vargas adotava uma postura de possibilidade de acordo político, como ele mesmo afirmou:

Pela manhã, recebi a visita de Maurício Cardoso, com que palestrei longamente. Ele julga que a situação do governo é gravíssima. Tenho a impressão que ele carrega as cores para obter concessões de paz. Digo-lhe que, além do que ficou combinado em reunião do Ministério, eu pretendo, após a extinção da revolta, adotar uma Constituição provisória enquanto a Constituinte não votar a definitiva (VARGAS, 1995, v. 1, p. 122).

A reunião com o Ministério citada ocorreu em 5 ou 6 de agosto, conforme o diário de Vargas. Nela, as propostas feitas pelos revoltosos de manutenção do governo paulista e fim do Governo Provisório foram rechaçadas. O presidente tinha consciência de que o andamento político necessariamente sofreria alterações com o movimento liderado por paulistas, mas com apoio político de parte do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

O otimismo dos dias iniciais já não era o mesmo em meados de agosto. Faltavam recursos, e Góis Monteiro, comandante militar do governo federal em São Paulo, era quem mais se queixava.

Os nossos técnicos, as nossas repartições estão sempre estudando e não produzem. Ele tem razão. Estou providenciando diretamente, mas as coisas marcham vagarosamente. A burocracia, o roncoirismo, a má vontade, a sabotagem, a traição, tudo entrava (VARGAS, 1995, v. 1, p. 125).

O presidente tratava das questões militares e políticas e via que as segundas influenciavam diretamente as primeiras. Minas Gerais, ainda que ao lado do governo federal, não estava na linha de frente e tinha desavenças com Monteiro, como apresentado pelo próprio Vargas: “Minas pede munições para atacar e desconfia da política do general Góis junto ao ex-presidente Bernardes. O general desconfia do governo mineiro, dizendo que este quer apenas armar-se e aguardar os acontecimentos” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 125). O Rio Grande do Sul, com Flores da Cunha, enfrentava resistências internas, mas que, de forma geral, eram controladas. Boatos sobre golpe de militares também rondavam o Catete, conforme o escrito de 16 de agosto: “O general João Francisco denuncia haver descoberto o preparo de uma traição em proporções fantásticas” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 124). Diante disso, Vargas escreveu em 22 de agosto de 1932: “É preciso ter o espírito muito resistente a todos estes boatos e nervosismos para não

se impressionar” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 125). No que se refere às condições de paz do governo com os rebeldes paulistas, permaneciam as mesmas no dia 27, quando Vargas conversou com Olegário Maciel, interventor de Minas Gerais: "Respondo ao presidente Olegário Maciel, após reunião do Ministério, as condições de paz do governo: 1ª) deposição de armas. 2ª) anistia; 3ª) novo governo civil e paulista; 4ª) Constituição provisória" (VARGAS, 1995, v. 1, p. 127).

Na sequência dos apontamentos de Vargas, consta que ambos os políticos ainda entendiam que essa Constituição Provisória não seria a de 1891, pois isso seria um retrocesso. Com mais de um mês e meio de conflito, a situação era embaraçosa, como visto anteriormente, com as perspectivas ora positivas ora negativas.

É preciso um espírito forrado de grande serenidade para resistir aos embates morais desta luta. A um dia de relativa tranquilidade, sucede-se outro cheio de boatos, de intrigas, de conspirações, de ameaças de atentados pessoais. Procuro isolar-me dessa atmosfera enervante que só serve para perturbar (VARGAS, 1995, v. 1, p. 128).

O escrito acima é do dia 1º de setembro de 1932, quando se pode perceber o tenso ambiente político. Vargas, o chefe do governo federal, líder contra a revolta paulista, colocou-se afastado das intrigas e joguetes de poder que permeavam o contexto para que, como líder do país, pudesse tomar a melhor medida para um desfecho favorável à nação.

Durante o mês de setembro, as forças militares pró-governo federal possibilitaram a vitória sobre os rebeldes paulistas. “Notícias de novas vitórias [...] Continua o êxito militar. [...] Continuam os sucessos militares e aumentam as conspirações políticas [...]” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 129-130). A busca de acordo para o rompimento dos conflitos era constante. Mas, à medida que a força militar governista se sobrepunha, Vargas tinha em suas mãos o comando para o acordo. No dia 1º de outubro, escreveu:

O general Góis Monteiro pede-me ratificação de poderes e instruções. Ratifico seus poderes, digo-lhe que mantenha as condições já ditadas para o convênio militar e que se limite a este. O governo não concede prazo para discutir condições de paz, mas para executar a deposição das armas (VARGAS, 1995, v. 1, p. 138).

No mesmo dia, os oficiais da Força Pública Paulista entraram em acordo com Góis Monteiro enquanto os rebeldes recusaram. Entretanto, no dia seguinte, os rebeldes foram informados do acordo e se renderam (VARGAS, 1995, v. 1). Dessa forma, encerrou-se a Revolução Constitucionalista, com vitória militar do governo federal, mas com a instabilidade política permeando o cenário.

Nesse contexto, Vargas sabia que teria de ceder a pontos defendidos por grupos políticos de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, principalmente a constitucionalização, tanto é que “no despacho com o ministro interino da Justiça, tratamos da reorganização da comissão encarregada de elaborar o projeto da Constituinte” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 144). A Subcomissão do Itamarati foi encarregada de elaborar o anteprojeto da Constituição. No mesmo dia, lhe foi apresentado por uma comissão do Clube 3 de Outubro um anteprojeto de organização de classes, previsto no Código Eleitoral.

Até o final do ano, no diário de Vargas, tratou-se também de alterações ministeriais, políticas estaduais e promoções militares. Conforme Vargas (v. 1, 1995), também foi fundado o Partido Republicano Liberal (PRL), em congresso realizado entre 15 e 19 de novembro e presidido por Osvaldo Aranha. O PRL era apoiado por Vargas e liderado por Flores da Cunha. Nesse contexto de conflitos, houve um momento de escrita voltada ao particular, e Getúlio escreveu no dia 1º de dezembro de 1932: “Sinto-me doente e bastante abatido. Não tenho a quem me queixar nem me sobra tempo para um tratamento sério” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 158). O presidente demonstrou, em nova oportunidade, que os assuntos de interesse público eram prioritários, não havendo tempo para voltar-se a seus problemas particulares, e, ao mesmo tempo, demonstrou não querer buscar em alguém um auxílio para suas lamentações. As pessoas próximas seriam para os assuntos de ordem pública.

No ano de 1933, continuou havendo complicações políticas, notícias de conspirações e possíveis movimentos para derrubar o governo. Góis Monteiro, no dia 5 de janeiro, conforme anotações de Vargas (1995, v. 1), informou que lhe haviam proposto participar de um movimento para derrubar o governo, assumindo lideranças de oposição. No dia seguinte, Vargas registrou: “Continuam as notícias de conspirações e boatos de toda ordem. Procuro não me preocupar com isso para poder tratar dos problemas administrativos” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 174). No dia 21 de fevereiro, houve uma nova notícia sobre conspiração sediada no Sul, mas que atingiria parte do Nordeste e Norte, e ainda acrescentou: “Em resumo, uma vasta conspiração com recheio de atentados pessoais [...] Ouço tudo, concordo com as providências, mas acredito que em tudo isso haja uns 50% de boatos” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 189). Tal assunto permeou anotações nos dias seguintes, com Vargas mostrando-se tranquilo, sem enfatizar o que ele frequentemente chamava de boatos.

2.3 As falas do presidente sobre política

Para o ano de 1933, estavam reservadas eleições e continuavam as articulações do processo político com a discussão do adiamento ou não das eleições. Em 14 e 15 de fevereiro, Vargas discorreu a respeito da data das eleições: “Nos que se manifestaram contra, existe, porém, mais a preocupação de cumprir a palavra do que o reconhecimento de que a eleição corresponda às aspirações nacionais, pela existência de um coeficiente eleitoral satisfatório” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 187). Dias depois, no início de março, Getúlio Vargas demonstrou sua aversão à política partidária. A organização partidária tinha a função nesse momento de garantir a governabilidade, era pragmática, como muito bem expressou no seu diário: “Confesso minha repugnância, verdadeira fadiga para tratar desses arranjos, que só a necessidade de defesa do governo me leva a cuidar” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 193).

No dia 12 de março, prosseguiu demonstrando sua visão política, deixando claro ser contrário à democracia liberal e à representatividade na Câmara e no Senado, pois chegou a dizer: “Afigura-se-me que, se reproduzirmos simplesmente essa velha e desmoralizada democracia liberal da Câmara e do Senado, e nada fizermos pela representação de classes, mui pouco teremos modificado a nova organização sobre a velha” (VARGAS,

1995, v. 1, p. 194). Abertamente contrário ao sistema liberal que estava implantado até 1930, o presidente defendeu a mudança nesse sistema para que ocorresse realmente um avanço, que, por meio da representação classista, seria um caminho viável.

Com referência às datas comemorativas, ainda que apenas no Estado Novo assumiram importância no governo, cabe ressaltar o restabelecimento do feriado de 21 de abril em 1933¹¹. Nesse momento, Tiradentes¹² foi homenageado e o feriado nacional persiste até hoje. Interessante é o contexto historiográfico de implementação desse feriado e as palavras de Vargas no contexto presidencial para a criação do mesmo: “Foi restabelecido como feriado nacional o dia da execução de Tiradentes. Não sofri nenhuma pressão nem instantes pedidos para isso, como quiseram fazer constar alguns jornais. Foi um ato espontâneo” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 206). Todo e qualquer sistema necessita de símbolos para se consolidar, e os heróis são considerados representantes da nação, modelo do sistema em que a coletividade está inserida. A criação de datas é uma ferramenta bastante utilizada pelos republicanos, fundamentalmente, para lembrar, de tempos em tempos, alguém ou algo que valoriza o regime. Com a proclamação da República em 1889, os republicanos passaram a substituir os símbolos que representavam a Monarquia. Tiradentes passou a ser o herói republicano, pois, sob esse viés, lutou pela liberdade do Brasil contra os mandos da Coroa Portuguesa, perdendo sua vida por esse ideal. Não se pode crer, portanto, que, apenas por espontaneidade, Vargas restabeleceria o feriado nacional. A Revolução de 1930 foi vista pelos que a fizeram como uma restauração dos verdadeiros sentidos republicanos. E aqui se podem aproximar os dois heróis republicanos do Brasil. Tiradentes perdeu sua vida em defesa da República, da liberdade nacional, e Vargas, em momentos específicos, também colocou a sua vida em risco pela nação, pela revolução que objetivava restabelecer a República e a valorização da população. Tiradentes lutara contra a tirania da Monarquia Lusa e perdeu a vida por isso. Getúlio Vargas lutou contra as oligarquias políticas e se dispôs a perder a vida também. Faz-se a relação com seu suicídio, em 1954: pelo bem do país entregou sua vida, saindo desta para entrar na história.

No final do mês de abril, o presidente obrigou-se a deixar as anotações de conotação pública para abordar sua vida privada, quando sofreu acidente de automóvel, no qual ficou gravemente ferida sua esposa Darci e levou ao falecimento do capitão-tenente Celso Pestana, que dirigia o veículo. Foi no leito do hospital que Vargas acompanhou a realização das eleições no dia 3 de maio, com o comparecimento de 1.200.000 eleitores em uma população de 40 milhões (VARGAS, 1995, v. 1). Getúlio Vargas, mesmo fisicamente debilitado e preocupado com a esposa igualmente debilitada, demonstrava satisfação e entusiasmo com as eleições. Como escreveu no diário, a promessa de realizar eleições foi cumprida pelo governo tantas vezes questionado. De certa forma, responsabilizou as conturbações do ano anterior ao movimento liderado por paulistas, justificando que eles se rebelaram na busca de algo que já estava definido, como bem expresso em suas palavras:

¹¹ O Decreto nº18.488, de 15 de dezembro de 1930, suprimiu esse feriado do calendário oficial.

¹² Joaquim José da Silva Xavier (1742-1792). Único dos participantes da Inconfidência Mineira a ser condenado à execução.

Realizou-se o grande pleito. Está cumprida a palavra do Governo Provisório, apesar de todas as descrenças e dos embaraços criados por uma paradoxal Revolução Constitucionalista, feita preventivamente para realizar uma constitucionalização já com data marcada. As notícias de todo o país informam que o pleito se realizou em completa ordem e plena liberdade – concorrência numerosa e entusiasmo (VARGAS, 1995, v. 1, p. 208-209).

Com o aval de todo o país, conforme suas palavras, o presidente indicou satisfação com o processo eleitoral. No dia seguinte, revigorou seu pensamento: “Contínuas e uniformes demonstrações de satisfação, de confiança e tranquilidade, plena ordem e segurança com que se realizaram as eleições. Parece o início de uma nova era” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 209). Evidentemente, a vitória governista por quase todo o país reforçou a avaliação positiva de Vargas.

No que se refere à Revolução de 1930, as mudanças pretendidas por Vargas não passavam apenas por ações de governo, mas pela mentalidade. A Revolução não tratava de tomar simplesmente o controle político e promover mudanças no mesmo sentido. Para Vargas, a mudança era mais profunda: a Revolução era uma mudança estrutural dentro da sociedade. Podemos citar três exemplos de situações que desagradaram o presidente.

O primeiro é o jogo político de favores e o apadrinhamento que não teria espaço na nova política, pois, ao tomar posse em 3 de novembro de 1930, Vargas (1995, v. 1, p. 21) escreveu: "Começam as tratativas para a organização do Ministério. Alguns nomes eu já trazia fixados, outros foram sendo sugeridos depois. A mentalidade criada pela Revolução não admite mais o emprego dos velhos processos, do critério puramente político".

Segundo: pode-se destacar a anotação do dia 16 de março de 1933, pois Vargas demonstrou desgosto por utilização de cargos para indicação ao funcionalismo público, declarando: “Continuo resistindo aos pedidos de toda ordem, inclusive dos próprios ministros, para aproveitar amigos no preenchimento de cargos vagos, em vez de funcionários em disponibilidade” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 195).

Terceiro: revela o desagrado vinculado ao modo com que alguns indivíduos próximos buscavam ganhos políticos, como escrito em 20 de maio de 1933 a partir da insatisfação de um ministro em assunto relativo à promoção. Vargas anotou:

Todas essas coisas e, principalmente, as manobras ocultas de pessoas que se dizem meus amigos. E essa falta de franqueza tanto mais me desgosta porque nunca fui um postulante de candidatura, nunca me apresentei como tal para eleição próxima (VARGAS, 1995, v. 1, p. 212).

Sem mesmo confirmar candidatura, as pessoas já o procuravam para obter benefícios. Nesses três períodos temporais, pode-se avaliar que o compadrio político era abominado por Getúlio.

As eleições de maio permitiram a organização formalizada politicamente da oposição. A Chapa Única Paulista exercia pressão política para mudanças no governo paulista, que tinha como interventor o general Valdomiro Castilho de Lima. Em fins de maio de 1933, Vargas escreveu: “Os partidos organizados pelo general Valdomiro pleiteiam sua permanência, os da Chapa Única pleiteiam outros nomes” (VARGAS, 1995, v. 1, p.

220). Quatro dias depois, sobre a mesma situação, escreveu: “De um lado, os partidos da esquerda, apoiados pelo general Valdomiro e pleiteando a permanência deste; de outro, a Chapa Única, apresentando vários nomes” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 221). A situação do governo paulista era assunto frequente em suas anotações sem definição do novo interventor. Por fim, Vargas nomeou o general Manuel de Cerqueira Daltro Filho. Entendendo como uma nomeação de risco, o presidente anotou em 24 e 25 de julho:

A sorte está lançada. Amanhã saberemos se haverá nova revolução ou se as ordens serão cumpridas. Tenho de forçar os próprios sentimentos domésticos, porque a minha família e os meus próprios ajudantes-de-ordens torcem pelo general Valdomiro, achando que ele é vítima de intrigas. Amanhã será outro dia (VARGAS, 1995, v. 1, p. 228).

Chama atenção quando Getúlio colocou sua família na discussão da política paulista, visto que Valdomiro era tio de sua esposa Darci. Pode-se deduzir que a política permeava o ambiente familiar, muito em razão do parentesco. Em 13 de agosto, nomeou Armando Sales de Oliveira como interventor no estado de São Paulo. Vargas demonstrou preocupação ao nomear o novo interventor. Concedendo a margem política à oposição, temia que esta se fortalecesse e pudesse derrotá-lo no futuro, conforme suas palavras:

Vou entregar São Paulo aos que fizeram a revolução contra mim. Não pode haver maior demonstração de desprendimento. Será que estou colocando armas nas mãos dos inimigos para que se voltem contra mim? Que farão na Constituinte? O futuro dirá, e muito próximo! (VARGAS, 1995, v. 1, p. 231-232).

É de se ressaltar, mais uma vez, a abordagem, e até a ênfase, que Getúlio Vargas apresentou no que se referia à morte. Em 26 e 27 de julho de 1933, anotou: “Fui ao Cemitério de São João Batista, em homenagem ao terceiro aniversário da morte de João Pessoa – o grande sacrificado. Raras vezes um homem pode morrer tão dignamente. Chega a despertar inveja!” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 228). Vargas caracterizou João Pessoa, seu candidato a vice na Aliança Liberal, como grande sacrificado cuja morte era digna. Sem descartar a hipótese de a Revolução ter ocorrido sem a morte de João Pessoa, não se pode desvincular uma da outra. Nesse sentido, entende-se o termo dignidade usado por Vargas, pois a morte pode desencadear a Revolução que o presidente valorizava. Foi o sacrifício da vida que motivou a Revolução.

Novamente Vargas retomou a questão de ser bem recebido. Uma das principais e mais longas viagens do presidente iniciou-se em 22 de agosto de 1933, partindo para o Nordeste e Norte do Brasil em navio. Já em 27 e 28, escreveu: “Em toda parte, acolhimento fidalgo, manifestações, festas, banquetes. Uma alegria espontânea do povo, uma curiosidade cheia de simpatia” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 234). Getúlio valorizava a recepção da população a sua pessoa, isto é, a autoridade máxima do país era recebida calorosamente. Vargas seguiu descrevendo no diário a viagem e anotou que a lembrança do terceiro aniversário da Revolução foi solenizada a bordo do navio em que a comitiva viajava (VARGAS, 1995, v. 1, p. 242).

Em novembro, a política nacional teve situação marcante com a instalação da Assembleia Nacional. Vargas escreveu em 15 de novembro: “Instalação da Constituinte.

Compareço perante a mesma para ler a mensagem. Sou bem recebido” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 247). Já nos dias seguintes, os conflitos políticos tornaram-se frequentes nas anotações do presidente. Flores da Cunha manifestou o desejo de eleger Vargas presidente enquanto Osvaldo Aranha articulava eleição para após a votação. Vargas escreveu que não tinha pressa para a eleição. “Continuam, na Câmara, as demarches para eleger-me presidente. Aconselho a não apressarem” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 248). Até o final do ano de 1933, Vargas seguiu anotando acerca do andamento da Constituinte e lamentou o pedido de exoneração feito por Osvaldo Aranha¹³ e Afrânio de Melo Franco em 28 de dezembro: “Perco dois bons colaboradores e dois amigos. Sinto principalmente o afastamento de Osvaldo, cujas qualidades excepcionais dificilmente podem ser supridas. Será definitivo este afastamento? Quais as suas consequências?...” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 257).

Nos escritos do presidente, a Constituinte não foi aprofundada. Por vezes, Vargas comentava as articulações em torno de algo específico, como em 12 a 14 de janeiro de 1934: “Na véspera, reuniram-se, no Guanabara, Flores, Juraci, Lima Cavalcanti e Medeiros Neto, discutindo a necessidade de fazer agora a eleição de presidente, que era, no fundo, o maior motivo das crises” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 262). Também escreveu sobre informações da oposição, como em 2 de fevereiro: “Contam-me que, na Constituinte, se esboça uma corrente política de oposição à minha candidatura que pretende explorar o nome do general Góis para levantar, afinal, a candidatura de Melo Franco” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 266). Vargas, em seus escritos, portanto, pouco demonstrou interferir no andamento dos trabalhos da Constituinte. Em outro momento, anotou que não apresentava a ideia de buscar influenciar. “A sorte está lançada. Alguns interventores chefes de partido e o leader da maioria resolveram apressar a eleição de presidente [...] Não sei qual o resultado ou, conforme a sabedoria popular, o futuro a Deus pertence” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 270). Na sequência dos dias, essa ideia foi reforçada, como em reunião com ministros em 22 de fevereiro: “Respondi-lhes não ser parte na contenda que se tratava na Assembleia, que me achava impedido de intervir nas resoluções da mesma” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 271). Novamente, a imagem de presidente que permitiu e garantiu o andamento legal foi apresentada por Vargas em 27 de fevereiro: “Tenho procurado manter-me alheio às combinações” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 272).

No que concerne ao projeto de Constituição elaborado, após ler, fez apontamentos, em seu diário, no início de março: “Achei-o um tanto inclinado ao parlamentarismo, reduzindo muito o poder do Executivo e, principalmente, complicando a máquina burocrática, de modo a dificultar a administração” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 273). Vargas, em vários momentos, demonstrou que a forma de governo autoritária seria a melhor. Como já abordado, o Governo Provisório teve como uma característica importante a centralização no Poder Executivo e o controle, por parte do governo federal, sobre as unidades federativas, isto é, um regime autoritário. Por isso, provavelmente, o presidente revelou-se descontente com o texto da Constituição.

¹³ Osvaldo Aranha reassumiu o Ministério da Fazenda em 15 de janeiro de 1934.

Nesse ínterim, aparece o general Rabelo, que diz ter conversado com o general Góis, estando este de acordo em dar o golpe de Estado para dissolver a Constituinte e outorga-se ao país uma Constituição nos moldes da que Júlio de Castilhos deu ao Rio Grande. Traz uma proclamação em nome do Exército e da Marinha e diz que eu devo dar esse golpe para evitar a revolução. Prometo examinar o caso, mas digo-lhe que é preferível tentar junto à própria Constituinte melhorar o projeto em discussão (VARGAS, 1995, v. 1, p. 279).

Claramente, Vargas tinha fortes restrições ao andamento do que poderia tornar-se a Carta Magna do país, tanto que afirmou pensar na possibilidade de um Golpe de Estado, evitando assim que a Constituinte seguisse caminhos não favoráveis aos projetos dele. Por outro lado, existia a preocupação do presidente de que o Golpe fosse dado por militares, especialmente Góis Monteiro. No dia 10 de abril, Vargas escreveu: “Complicam-se as coisas. Os generais Mariante e Daltro, o coronel Cordeiro de Farias e o ministro Osvaldo Aranha fazem reuniões secretas com o general Góis, fazendo exposições pessimistas sobre a situação [...]” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 285).

A partir de junho, o presidente passou a fazer maiores comentários sobre o andamento da Constituinte: “Continuam as votações na Constituinte, com passagens de alguns pontos fundamentais pleiteados pelo governo, mas também com coisa miúda estranha à Constituição [...]” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 299). Vargas emitia sinais de que se mostrava insatisfeito em 14 a 16 de junho:

Com a Constituição que está para ser votada, talvez seja preferível que outro governe. Não tenho dúvidas sobre as dificuldades que vou enfrentar, e talvez seja mesmo preferível que tome outro rumo, pois já começo a acreditar que, com tal instrumento de governo, será perdido o esforço (VARGAS, 1995, v. 1, p. 302)

A apreensão continuou até a data da promulgação da Constituição, em 16 de julho:

Afinal, chegou esse dia. Entre festas e demonstrações de regozijo, foi promulgada a nova Constituição. Parece-me que ela será mais um entrave do que uma fórmula de ação. Amanhã será a eleição de presidente. O candidato da oposição será o dr. Borges de Medeiros (VARGAS, 1995, v. 1, p. 307).

Getúlio Vargas demonstrou insatisfação com a Constituição. Contrário ao liberalismo, julgava que a revolução permanente fosse inviabilizada com o retorno da política tradicional feita por grupos oriundos da República Velha. Como se vê, o Governo Provisório foi caracterizado por mudanças de rumo na política governista. Após a Revolução de 1930, a reação dos que haviam sido marginalizados politicamente levou a mudanças do governo, acentuando-se mais ainda quando da constitucionalização. Percebe-se que a recondução do processo político a partir de 1932 e consumado com a Constituição de 1934 esteve dentro de certo controle do presidente, que, defendendo suas concepções, soube adaptar-se ao novo cenário. Vargas não pôde dar continuidade à revolução como pretendia, sofreu oposição política e, diante da nova situação de relações de poder, construiu novas alianças, trilhou caminho distinto do que seguia até então, mas sem desligar-se do projeto maior com a inserção de novos extratos da sociedade na política,

a nacionalização e a eliminação da antiga ordem política, isto é, foi um presidente que soube se adaptar a cada novo contexto.

Reforçando esse pensamento, em relato da conversa com o filho Lutero, em março de 1936, sua escrita demonstrou seu pensamento (VARGAS, 1995, v. 1, p. 486-487):

No conceito que eu lhe repetia e que ele encontrara nessas anotações ou referências, estava, como aplicação da teoria darwiniana, que vencer não é esmagar ou abater pela força todos os obstáculos que encontramos – vencer é adaptar-se. Como tivesse dúvidas sobre a significação da fórmula, expliquei-lhe: adaptar-se não é o conformismo, o servilismo ou a humilhação; adaptar-se quer dizer tomar a coloração do ambiente para melhor lutar.

Conclusão

Por meio deste trabalho, buscou-se compreender o Governo Provisório (1930-1934) a partir da análise dos diários de Getúlio Vargas na perspectiva da construção que o presidente fez de si mesmo em seus escritos. Pensar a construção de uma imagem gera ideias e caracterizações positivas. No entanto, como se pode ver, Vargas, ao construir uma imagem de si, abordou pontos positivos, as ações, entusiasmos, mas também escreveu trechos em que o negativo se mostrava presente, quando, muitas vezes, entendia as complicações políticas pelas quais passava o governo ou as que ainda viriam. A questão da morte presente em algumas escritas nos faz refletir sobre o ano de 1954, quando já não conseguia mais governar devido às pressões de grupos diversos e cometeu suicídio. Inclusive deixava transparecer que o pensamento de perder a vida já o havia rondado antes mesmo do movimento de 1930, pois diz em 20 de novembro de 1930: “Quantas vezes desejei a morte como solução da vida” (VARGAS, 1995, p. 27). Em 1933, voltou ao tema da morte quando, exclamando, escreveu que chegava a ter inveja de João Pessoa. Vargas colocou-se como herói da nação brasileira, aquele disposto a lutar pelos interesses do país até a morte. Assim foi em 1930, assim foi em 1954. Em uma luta vence, em outra é vencido.

Seus diários foram escritos entre 3 de outubro de 1930, início da Revolução, e 27 de setembro de 1942, quando decidiu parar de escrever, momento em que o Brasil já declarara guerra à Alemanha e Itália. Devido ao recorte temporal, o 3 de outubro de 1930, como já abordado diversas vezes, inseriu-se neste trabalho e tal data é simbólica, pois o próprio Vargas começou suas anotações nela, justificando seu diário, a busca pela vitória até a morte, pois foi o momento marcante para a mudança que se iniciaria. O início da Revolução tem grande valor, tanto é que a data é lembrada por Getúlio nos anos de 1931, 1933, 1934, 1935, 1936, 1938, 1939, 1941. Em 1934, escreveu sobre a falta de festividade na comemoração do aniversário da Revolução: “Parece até que passou esquecido. Observei-o com amargura” (VARGAS, 1995, v. 1, p. 331).

Em 1939, lembrou que as conversas com Góis Monteiro e Osvaldo Aranha foram as únicas recordações que teve do 3 de outubro, dando a entender, outra vez, que não se comemorava a data estimada, mas destacou: “No entanto, depois dele, deu-se um sentido novo à vida do Brasil!” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 260). Tanta importância e simbolismo assumiu a data que as eleições de 1950, 1955 e 1960 foram no dia 3 de outubro,

bem como as eleições de 1994. Posteriormente passaram a ser realizadas no primeiro domingo do mês de outubro. No calendário eleitoral, podemos perceber a influência da Revolução de 1930 e como a data símbolo do movimento tornou-se marcante. Por outro lado, o aniversário do governo, em 3 de novembro, foi lembrado apenas nos anos de 1933, 1934, 1937 e 1940.

Getúlio Vargas mantém-se presente na política nacional. Por um lado, quando se fala em nacionalismo e desenvolvimentismo, sua figura surge. No que se refere a políticos, a herança de Vargas esteve vinculada a João Goulart e Leonel Brizola, políticos que foram apadrinhados e formados no seio da política varguista, principalmente na questão trabalhista. Os ideais de Vargas não estão diretamente ligados aos seus descendentes e suas famílias, pois eles seguiram outros caminhos. O genro de Vargas, Ernani do Amaral Peixoto, foi filiado ao MDB durante regime militar e depois se filiou ao PDS, herdeiro da ARENA. Sua neta, Celina Vargas do Amaral Peixoto, foi filiada ao PFL. O ex-esposo de Celina Vargas, Moreira Franco, quando ainda casado com ela, foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1987 e 1991, sendo rival político de Leonel Brizola. Portanto, pessoas ligadas a Vargas por parentesco e que seguiram na política, de alguma forma, desvincularam-se do trabalhismo, do pensamento varguista, inclusive disputando contra o maior defensor das políticas de Vargas. Getúlio Vargas permeia a política ainda no século XXI. Lula, quando presidente em 2006, comparou as realizações sociais e econômicas do seu governo com as do governo de Getúlio Vargas. Lula também advertiu a existência de uma conspiração contra ele nos moldes do que ocorreu contra o Vargas, principalmente no que se refere à imprensa. Já em 2015, quando se discute a regulamentação do trabalho terceirizado, os direitos trabalhistas são defendidos e volta-se a Vargas e a CLT.

Getúlio Vargas é considerado um dos maiores estadistas do Brasil. Não foi apenas o contexto que forjou o presidente. Getúlio Vargas foi o chefe da nação que, pela primeira vez, colocou no centro da discussão política a questão do Brasil como um todo, como uma nação. O fortalecimento de uma indústria nacional, o incentivo à produção diversificada, a maior participação política da sociedade, bem como a ampliação de direitos sociais reivindicados pela população, foram ações de seu governo. Vargas inseriu na política de estado a classe trabalhadora.

Para finalizar, é importante salientar que os diários não foram analisados como um todo, portanto há vasto material a ser estudado sob diversos ângulos. Futuras pesquisas utilizando o diário poderiam seguir o caminho de identificar as personalidades que, em relação direta com Vargas, influenciaram as ações do governo durante os 12 anos e como se deu essa influência, bem como é possível um trabalho voltado para a questão econômica ou para o papel ocupado pelas Forças Armadas nos escritos do presidente. Ainda é possível fazer relações entre seus escritos privados e os discursos públicos proferidos durante o período em que foi presidente da República, além de tantas outras possibilidades de pesquisa.

Cabe ainda uma última citação em que Vargas constrói a sua imagem:

Permaneci esse tempo não por amor ao governo, mas pelo desejo de servir ao meu país, de realizar um plano de administração e de criar a estrutura de um regime e de uma mentalidade que melhor se adapte às condições de vida e às razões do seu triunfo (VARGAS, 1995, v. 2, p. 349).

Referências

- CUNHA, Maria Teresa Santos. Viver, escrever, guardar: um estudo sobre diários pessoais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. Londrina. *Anais*. XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0722.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.
- D'ARAUJO, Maria Celina. O fio da meada no Diário de Vargas. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 185-203, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2020/1159>>. Acesso em: 26 set. 2014.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. In: MORÃO, Paulo (Org.). *ACT Autobiografia*. Auto-representação. Lisboa, 2002.
- _____. O pacto autobiográfico. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 13-47.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-37.
- RANGEL, Carlos Roberto da R.; PIMENTA, Renata Waleska de S. Getúlio Vargas por ele mesmo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25. Fortaleza. *Anais*. XXV Simpósio Nacional de História – História e ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=17638>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- REMÉDIOS, Maria Luiza R. *A Preservação da Vida na Escrita: O Diário de Getúlio Vargas*. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 205-214, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2015/1154>>. Acesso em: 7 mar. 2014.
- _____. *História e Ficção: O Diário de Getúlio Vargas*. Conexão Letras, Porto Alegre, v. 1, p. 219-227, 2005. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/01/maria.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2014
- RÉMOND, Réne. Do Político. In: RÉMOND, Réne (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 441-450.
- SEGA, Rafael. *História e Política*. História: Questões e Debates, Curitiba, n. 37, p. 183-185, 2002. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.academia.edu/1453713/Historia_e_Politica>. Acesso em: 7 abr. 2014.
- VARGAS, Getúlio. *Carta Testamento*. 1954. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/AlemDaVida/CartaTestamento>>. Acesso em: 13 nov. 2014.
- _____. *Diários (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2 volumes.